



CONHECIMENTOS QUE EMERGEM DAS LUTAS FEMINISTAS: EPISTEMOLOGIAS EM DISPUTA NOS CAMINHOS PARA A EMANCIPAÇÃO DE MULHERES

Iasmim de Araujo Vieira¹
Allene Carvalho Lage²

RESUMO

Este artigo se propõe a refletir sobre principais epistemologias que mulheres constroem dentro das suas lutas políticas no Movimento Feminista. Desenvolvemos uma discussão sobre embates epistemológicos a partir da discussão e necessidade da pluralização interna e externa da ciência, considerando que internamente quem primeiro elabora a crítica é o Movimento Feminista, e em âmbito externo temos estudos no pensamento pós-colonial que incitam a discussão. Metodologicamente o trabalho parte da abordagem de pesquisa qualitativa, estruturando-se nos moldes da pesquisa bibliográfica. Ainda no campo metodológico, consideramos a construção de estudos que dialoguem com a epistemologia feminista, sobretudo a partir da contribuição de Harding (1988) e as contribuições desta epistemologia na desestabilização de produções de conhecimentos hegemônicos e excludentes. Teoricamente nos aproximamos das reflexões de Santos (2005) e Mignolo (2006) para falar das disputas no campo do conhecimento e, como vozes emergentes do Sul global problematizam e desafiam a atual organização dos conhecimentos visíveis. Encerramos apontando alguns locais de produção e socialização de conhecimentos relacionados às mulheres no país, a Revista Estudos Feministas e o GT23-Anped, situando alguns temas predominantes dentro de um ciclo de dez anos desses lugares que concentram produções relacionadas às lutas das mulheres, bem como os locais dentre as regiões do país que concentram essas produções.

Palavras-Chave: Movimento Feminista. Epistemologia Feminista. Conhecimento

INTRODUÇÃO

A subversão da lógica patriarcal sob o viés da discussão sobre conhecimentos é parte determinante na luta feminista. Diz respeito à crítica feita aos conhecimentos produzidos dentro da lógica androcêntrica, que servem a um sistema de dominação e legitimam práticas opressivas sobre as mulheres.

Na mesma medida que o Movimento Feminista denuncia este caráter androcêntrico de conhecimentos que justificam e naturalizam processos de exclusão das mulheres, as relações que se estabelecem nestes mesmos processos de lutas, forjam um campo propício para a emergência de outros conhecimentos. Esta

¹ Graduanda do curso de Pedagogia-Universidade Federal de Pernambuco/CAA

² Professora Doutora da Universidade Federal de Pernambuco/CAA

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



característica própria do Movimento Feminista faz com que suas arenas de lutas sejam alargadas e ganhem dimensões amplas. Suas discussões ocupam o campo da epistemologia e se consolidam como um possível campo novo para as ciências, que traduzem e ganham corpos de pensamentos feministas.

Tal como o movimento feminista desde sua gênese, este pensamento feminista não se faz único e homogêneo, reflete diferentes concepções e estratégias de lutas. No entanto, esta pluralidade traduz o seu potencial criativo sem que isso se apresente como fragilidade, haja vista que, existem elementos unificadores que concentram as forças feministas; a luta pela emancipação da mulher e o fim do sistema de dominação patriarcal.

Diante do exposto, nosso estudo adentra o universo dos saberes feministas no horizonte da pluralidade epistemológica do mundo. Para isto, buscamos compreensões sobre os embates que se manifestam entre a ciência moderna e sua racionalidade inquestionável, e as críticas que surgem a esta posição canônica, a partir da necessidade da pluralização interna e externa da ciência.

Partimos do princípio que os movimentos sociais tornam-se protagonistas na produção de conhecimento em seus contextos de lutas (ESCOBAR, 2003, p. 607). Constroem mediante sua organização política, visões de mundo cuja matriz epistêmica difere substancialmente daquelas tradicionalmente produzidas pela ciência moderna. Assim, ainda é válido ressaltar, como afirma Lage (2005, p. 114), que dentro desta pluralidade de conhecimentos, estes saberes vivem e legitimam-se a partir das respostas que oferecem aos diversos problemas que as sociedades têm enfrentado ao longo das suas trajetórias.

Organizamos este artigo elaborando uma discussão ampliada sobre o campo do conhecimento, seguindo das reflexões sobre os caminhos metodológicos que o conduziram. Posteriormente, apontamos nossas concepções de epistemologia feminista. Finalizamos com as discutindo sobre a formação política de mulheres dentro do contexto dos embates epistemológicos, seus ganhos e caminhos a percorrer.



O Campo do Conhecimento e os Embates Epistemológicos

O campo do conhecimento é estudado nas Ciências Sociais por uma área designada Sociologia do Conhecimento. Esta área por sua vez, resguarda grandes discussões no que concerne a análise da construção social da realidade, sendo a realidade algo intrinsecamente ligada a contextos específicos. Autores como Berger e Luckmann (2008) inauguram na Sociologia do Conhecimento uma nova forma de abordagem dessa discussão³, reconhecem que é própria desta área a preocupação com análises da “multiplicidade empírica do conhecimento” como também dos processos pelos quais estas realidades sociais são tomadas como realidades verdadeiras. Dizem os autores:

Nosso ponto de vista, por conseguinte, é que a sociologia do conhecimento deve ocupar-se com tudo aquilo que passa por “conhecimento” em uma sociedade, independente da validade ou invalidade última (por quaisquer critérios) desse “conhecimento”. E na medida em que todo conhecimento humano desenvolve-se, transmite-se e mantém-se em situações sociais, a sociologia do conhecimento deve procurar compreender o processo pelo qual isto se realiza, de tal maneira que uma “realidade” admitida como certa solidifica-se (BERGER E LUCKMANN, 2008, p. 14).

Na análise da admissão dessas realidades como certas ou não, a sociologia do conhecimento vai se configurando como campo analítico próprio que resguarda, por exemplo, os estudos da vida cotidiana e de como esses conhecimentos se constroem nas relações da vida diária. Esta nova perspectiva se pretende mais inclusiva, sobretudo por que considera, na relação que estabelecem com as realidades, diálogos antes inexistentes nas práticas de teorizações sobre conhecimentos e realidades.

A luta pela visibilidade das realidades e conhecimentos se finca na necessidade de ampliação e consideração das diversidades de experiências e produções de conhecimento existentes no mundo. Esta afirmação se atrela a constatação de que historicamente há a profusão de um tipo de conhecimento que

³ Ressalta-se uma nova forma de abordagem por considerar que durante muito tempo, a sociologia do conhecimento foi dada como um campo secundário nas discussões prioritárias no terreno das teorias sociológicas, além de ter dado ênfase a construção do conhecimento em um âmbito extremamente teórico, por vezes desarticulado com a realidade social concreta. Esta primeira característica da Sociologia do Conhecimento é marcada, segundo os autores, pelas características particulares que área do conhecimento surge; início do século XX na Alemanha (BERGER e LUCKMANN, 2008).

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



se autodeclara soberano e invisibiliza outras possibilidades de conhecimento que não condizem com suas lógicas de estruturação ou diferem completamente das suas matrizes epistemológicas. Este conhecimento traduz em grande medida os interesses de um grupo muito particular de humanos, aqueles que em sua maioria são brancos, homens, heterossexuais cristãos, pertencentes a um norte global socialmente privilegiado e beneficiado por um sistema de dominação, cultural econômico, social e epistemológico.

Esta soberania historicamente é explicada por Santos, Nunes e Menezes (2005) pela ascendência no início da modernidade de um conhecimento que facilmente se traduzia em tecnologias a serviço do sistema capitalista, logo era um conhecimento que servia aos ideais de progresso e desenvolvimento próprio dos horizontes civilizatórios que se almejavam. O contexto sócio-político de desenvolvimento desta razão indolente consistiu na consolidação do estado liberal na Europa e América do Norte, as revoluções industriais e capitalistas, bem como o imperialismo e colonialismo.

Esta posição inquestionável passa a sofrer embates e fortes críticas a partir da segunda metade do século XX, Santos e Nunes (2005) descreve esta crise do campo do conhecimento em dois níveis; aquela internamente promovida pelo movimento feminista e outra em âmbito externo, tendo como fortes representantes os estudos culturais e os estudos pós-coloniais.

Em nível interno, o movimento feminista elabora as primeiras críticas à posição canônica da ciência denunciando seu caráter androcêntrico, ou seja, o fato de suas pesquisas estarem a serviço da legitimação de uma lógica opressiva que naturalizava as condições de vida subalternizada das mulheres, ou até mesmo invisibilizava seus modos de ser e estar no mundo, tidas a partir das experiências masculinas. A denúncia estava na realidade de que a ciência possuía um sexo bem definido. Esta primeira crise se situa em âmbito interno pela natureza da crítica, Walter Mignolo situa bem este primeiro embate quando considera que:

A epistemologia feminista contribui para desalojar o mito de que a ciência estaria purificada e vacinada contra a infecção da diferença sexual e da sexualidade. Apesar de crucial, a configuração do ponto de vista da epistemologia feminista foi ainda uma crítica interna da ciência que permitiu formular perguntas semelhantes do ponto de vista da raça e da geopolítica



do conhecimento. Isto é, permaneceu dentro das fronteiras temporais e espaciais, auto definida pelo discurso da modernidade. A referência feita à ciência ocidental na perspectiva da epistemologia feminista, diz respeito, principalmente, ao seu fundamento masculino, ao facto de aquilo que passa por ciência ser, na verdade, baseado numa perspectiva de epistemologia masculina. O fato de a ciência não ser apenas masculina, mas também branca não aparece como um tema dessa agenda. A epistemologia feminista é, assim, uma crítica ocidental e eurocêntrica da ciência ocidental e do eurocentrismo masculino que deixa intacta a cor da epistemologia. (MIGNOLO, 2006, p. 649).

De fato, as primeiras formulações das críticas feministas a ciência tinham por características a limitação das questões relativas à geopolítica do conhecimento e as questões étnicas, conforme o autor diz. No entanto já contamos com uma produção considerável de feministas que passam a teorizar conforme seus territórios epistemológicos. As feministas pós-coloniais ou aquelas críticas ao pensamento homogeneizante de algumas feministas do Norte Global para com as mulheres dos países de “terceiro mundo” lançam a crítica, consideram toda a estrutura social desses países e suas condições históricas e particulares. A epistemologia feminista apesar de possuir como base comum um discurso que tem como referência relações historicamente construídas e desiguais entre mulheres e homens, não constitui um todo homogêneo, transitam neste campo diferentes concepções de enxergar fenômenos similares, mas que denunciam como um todo o exclusivismo operativo que privilegia grupos, que neste caso, grupos masculinos.

São conhecimentos e projetos epistemológicos que nascem das experiências vividas em seus contextos políticos e sociais, que diferem substancialmente das experiências construídas, por exemplo, do Norte Global. Estes realces quanto às distinções não se constroem para polarizar e hierarquizar as diferenças existentes entre as experiências feministas, de modo a conceber uma mais significativa que outras. Serve-nos para compreender que as situações de luta e emancipação feminista se projetam em cada contexto sob as estruturas sociais que cada situação exprime, e que estas, interferem diretamente nas forças opressoras que se manifestam e, do mesmo modo, nas ações combativas a essas forças opressoras. Breno Cypriano (2013) na discussão que elabora sobre o pensamento feminista latino-americano, considera que

Pensar do ponto de vista e da perspectiva da América Latina em um projeto teórico político feminista e de gênero conforma-se com a necessidade de se



formatar uma outra “teoria política feminista” (que ainda permanece entre aspas), visto que a experiência vivida pelo movimento feminista latino-americano reflete-se em um processo complexo de interseções que se deu a partir de um conjunto diferenciado de opressões, pois combina o colonialismo francês, espanhol e português, com os governos ditatoriais e populistas, com dinâmicas específicas da globalização econômica, cultural e política. A América Latina seria um dos lugares de nosso planeta, bem como a Ásia e a África, onde as desigualdades se manifestam de modo muito acirrado e específico, por isso a indiscutível necessidade de novas teorias e enquadramentos que falem, a partir de uma dimensão totalmente localizada, da justiça social – uma importante demanda coletiva. Dessa forma, problematizar “o” político e “a” política a partir deste continente pode ser retraçado a partir da própria experiência dos movimentos feministas e de mulheres, quando estes travam seus frequentes embates contra o Estado e também quando começam a lutar e disputar pela presença na esfera política, pois este foi um lugar onde as mulheres estavam forjadas na militância. (CYPRIANO, 2013, p. 11).

O autor anuncia a possibilidade de outra “teoria política feminista”, partindo do pressuposto que a existência da teoria política feminista que há, não traduz as experiências latino-americanas. Neste processo é preciso um olhar do Sul para o Sul dentro de uma perspectiva feminista crítico emancipatória.

Quanto às críticas à ciência em âmbito externo, estas se correlacionam muito com emergência de vozes historicamente marginalizadas. A partir das discussões dos estudos pós-coloniais, e as colonialidades que perduram mesmo com o sistema de dominação colonial findado, podemos alcançar vastas compreensões sobre a crítica externa da ciência.

Esta diz respeito muito mais a relação que a ciência estabelece com saberes totalmente divergentes das suas lógicas de produção de conhecimento, como aqueles saberes relativos à experiência de grupos excluídos e invisibilizados. A relação é de total negação ou quando considerada, tidas como conhecimentos locais ou provenientes do senso comum, ou seja, sem qualquer validade considerável para a ciência, haja vista que não passou pelos critérios de verdade de seus métodos e estruturas (SANTOS, NUNES E MENEZES, 2005).

Os estudos pós-coloniais, a partir da discussão de colonialidade do saber, cumprem essa função de crítica e anunciam possibilidades de diálogos entre os saberes, Santos (2005) fala disso através da discussão de Ecologia dos Saberes⁴.

⁴ O conceito de ecologia enquanto ação política permite uma nova compreensão e visão ampla das relações no mundo. Viabiliza uma visão de forma integrada, interligada e interdependente, de modo que o ser humano se perceba dentro de uma rede sem centro, em constante interligação com seus pares e natureza (MENESES,

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Nesta direção, o conceito de colonialidade é desenvolvido a partir das análises que consideram o fim do colonialismo enquanto sistema político de dominação, porém não nas relações sociais, sendo as manifestações dessas relações sociais fruto do sistema colonial, as colonialidades do poder, do saber e do ser (QUIJANO, 2005). É justamente a partir da colonialidade do saber que são invisibilizados saberes originários de grupos sociais subalternizados, são negadas suas existências a fim de garantir a soberania de uma lógica e vivência de mundo. Santos (2005) designa este fato no período da modernidade/colonialismo como epistemicídio, “sendo a morte de conhecimentos locais perpetrada por uma ciência alienígena” (SANTOS: 2005, p. 208).

Em meio à crítica interna e externa da ciência se instala os debates sobre inclusão cognitiva do mundo, neste terreno os movimentos sociais tornam-se protagonistas na denúncia desses sistemas de dominação e na visibilidade dos conhecimentos próprios dos seus grupos sociais e experiências.

De igual forma, outros movimentos sociais se organizam e desestabilizam forças hegemônicas e conservadoras que inibem o processo de conquista da justiça epistemológica do mundo. Em seus contextos de lutas, os movimentos sociais tornam-se produtores de conhecimentos críticos e fortalecem seus processos organizativos criando novos horizontes de saberes e perspectivas de mundo, dentro da perspectiva e necessidade da pluralidade de conhecimentos.

Sobre esta questão, Escobar (2006) desenvolve uma importante análise sobre os movimentos sociais enquanto produtores de conhecimento. O autor considera que esses conhecimentos são simultaneamente locais e globais e que

Algumas destas formas de conhecimento dizem respeito a questões estratégicas, outras à natureza da dominação, outras à defesa e reconstrução de mundos locais e regionais. Em certos casos, esse conhecimento é produzido na intersecção de discussões críticas no âmbito de disciplinas (geografia, antropologia, ecologia, economia política, teoria feminista) e de discussões político-intelectuais entre movimentos sociais e no seu interior (ESCOBAR, 2006, p. 653).

NUNES e SANTOS, 2005, p. 21). Para o campo do conhecimento a ecologia dos saberes concebe que todo conhecimento é a ignorância de outro conhecimento (SANTOS, 2005) e que os conhecimentos se complementam na medida em que se relacionam horizontalmente.

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Compreendemos que estes conhecimentos se articulam com aqueles que lidam com informações, reflexões, conhecimentos teóricos, metodológicos, técnicos, saberes de luta, saberes locais e outros saberes.

Caminhos Metodológicos

Pensar metodologicamente a estrutura deste estudo implica em algumas discussões de ordem conceitual própria das problemáticas que envolvem o viés deste trabalho. Uma reflexão que se propõe adentrar no universo das questões relativas aos embates epistemológicos sobre produção de conhecimento, juntamente com a efervescência do pensamento feminista, instiga uma estrutura metodológica coerente com as proposições do estudo.

De forma breve e enfática, consideramos que a ciência moderna ocidental, se legitima enquanto possibilidade única de conhecimento verdadeiro, com base em ideais de neutralidade, objetividade, determinismos científicos, e dados facilmente mensuráveis e classificáveis. As primeiras críticas formuladas a esta produção de conhecimento partem dos movimentos feministas que denunciam as estruturas científicas tendenciosas que nascem para justificar sistemas androcêntricos e outras estruturas de dominação, camuflando-se sobre as ideias de neutralidade e imparcialidade.

Constatado este fato, novos ensaios teóricos e metodológicos de uma produção científica feminista se manifestam em contraposição às produções hegemônicas. Gergen (1993) para as ciências sociais, considera alguns pontos essenciais nestas discussões que demarcam as críticas feministas aos modelos científicos hegemônicos e propõe novas posturas de produção de conhecimento. Consideremos algumas.

A ideia de que não deve existir relação do/a pesquisador/a com o objeto ou sujeitos em estudos é refutada, haja vista que esta concepção é limitada, pois pressupõe uma separação geral dos sujeitos e das coisas, em vez das relações de interdependências. A postura feminista assume a conexão entre as pessoas e os contextos e constrói propostas científicas nestes ideais. Outro ponto importante é a

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



não descontextualização dos estudos, essa ausência de análise dos contextos trouxe, para as ciências, várias análises deturpadas sobre a condição da mulher, por exemplo.

O terceiro elemento diz respeito às pesquisas isentas de valores, as feministas denunciam que não há a possibilidade de extrairmos nossos valores das produções, e se ancora neste reconhecimento para assumir os valores e utilizá-los de forma autoconsciente nas formulações e reformulações de práticas científicas. Por fim, nega-se a afirmação de que há uma superioridade natural da ciência e do/as cientista, a crítica feminista ressalta que o/a pesquisador/a faz parte do processo da pesquisa de forma que sua posição não demarca superioridade intelectual. Existe, nesta relação à necessidade de diálogos horizontais e a consciência que as situações não dependem dos controles de quem pesquisa (GERGEN, 1993).

Para construir este caminho, nossa abordagem de pesquisa se enquadra nos delineamentos da pesquisa qualitativa, considerando que o que a faz qualitativa não é necessariamente os métodos escolhidos, mas a forma qualitativa com que são tratados os dados (DESLAURIERS E KÉRISIT, 2008). Reconhecemos a necessidade da pesquisa qualitativa, a partir de elementos específicos que Deslauriers e Kérisit (2008), designam como: Quando os dados são resistentes à conformação estatísticas, tratam de dados que traduzem experiências, representações, definições; a relação que estabelece como o campo de pesquisa, não como um reservatório de dados, mas como uma fonte de novas questões; o caráter repetitivo e flexível da pesquisa qualitativa lhe confere o elemento da simultaneidade, a qual é permitida uma adaptação contínua (DESLAURIERS E KÉRISIT, 2008).

Seguimos neste estudo utilizando de técnica de coleta dos dados os procedimentos da pesquisa bibliográfica, haja vista que nossa principal fonte de informação são as produções já existentes no campo da epistemologia feminista. Quanto a este procedimento, Gil (2008, p. 50) considera suas vantagens, sobretudo pela possibilidade de acesso a uma “gama de conhecimentos muito mais amplo” dado ao material produzido. Este tipo de pesquisa também possui grande

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



importância nos estudos históricos, uma maneira de conhecer os fatos. Essas vantagens são consideradas pelo autor, como também seus riscos. Em contrapartida o apoio nas fontes bibliográficas, quando alicerçadas em produções que apresentam equívocos e incoerências, tende a intensificá-los. Para evitar esses desvios, Gil (2008) sugere a utilização de fontes diversa, como também a investigação da confiabilidade dos dados.

Epistemologia Feminista

Sandra Harding (1988), já na década de 1980 traz contribuições importantes para a discussão da epistemologia feminista. Indagada sobre a existência de um método próprio feminista, a autora se posiciona contra esta possibilidade, considerando que a preocupação deveria estar no que há de mais profundo, incisivo, e aqui incluo diferente, nas pesquisas de inspiração feminista. Considera Harding (1988),

Parto de la proposición de que las preguntas em tomo al método Suelen confundir los aspectos más interesantes de la investigación feminista. Creo incluso que la preocupación que subyace em la mayoría de las formulaciones de problema del método, y que se expresa por médio de ellas, es de orden diferente. Lo que interessa saber es, más bien, qué es lo que hace tan profundas e incisivas algunas de las más recientes e influyentes investigaciones de inspiración feminista em los âmbitos de la biologia y de la ciências sociales (HARDING, 1988, p. 11).

A autora fazendo esta ressalva, nos atenta para compreender o que há de peculiar nessas investigações própria do pensamento feminista, e de como estas características desafiam e/ou completam, neste caso, as ciências sociais. No desenvolvimento desta questão, a dificuldade de delinear um método feminista também ocorre por outro impasse contido nesta problemática; as confusões sobre o que significa método, metodologia e epistemologia.

Por método, Harding (1988) compreende “*lãs técnicas de recopilación de información*” (HARDING, 1988:11), por metodologia “*teoría y análisis de los procedimientos de investigación*” (HARDING, 1988:11), e epistemologia “*cuestiones relacionadas com la teoría del conocimiento adecuado o com estratégias de justificación del conocimiento*” (HARDING, 1988, p. 11).

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



enxergar até que ponto determinadas teorias tradicionais considera, ou não, mulheres como produtoras de conhecimento. Esta compreensão altera substancialmente as escolhas da metodologia. Sobre isto, Harding afirma (1988).

Las feministas argumentam que las epistemologias tradicionales excluyen sistemáticamente, com o sin intención, la posibilidad de que las mujeres sean sujetos o agentes del conocimiento; sostienen que la voz de la ciencia es masculina y que la historia se há escrito desde el punto de vista de los hombres (de los que pertenecen a la clase o a la raza dominantes); aducen que siempre que presupone que el sujeto de una oración sociológica tradicional es hombre. Es por eso que han propuesto teorias epistemológicas alternativas que legitiman a las mujeres como sujetos de conocimiento (HARDING, 1988, p. 13).

Estas epistemologias feministas trazem de contribuições ímpares em seus trabalhos, algumas características fundamentais próprias desses estudos. Harding (1988) considera três ressaltando que esta lista pode se fazer maior na medida em que as produções feministas vão se alargando. São elas: Novos recursos empíricos e teóricos, um novo objeto de investigação e novos propósitos para a ciência social.

Dentro das características de novos recursos empíricos, esta fala da necessidade dos problemas de pesquisa derivar das experiências das mulheres, fruto das questões sociais próprias da vivência desse grupo. Considerando que experiência de mulheres é no plural, haja vista que, o ser mulher implica na constituição de outras clivagens, como raça, classe, orientação sexual (HARDING, 1988, p. 15).

Os novos objetos de investigação se relacionam com a capacidade de esses objetos estarem a favor das mulheres, que expliquem os fenômenos sociais que elas querem e que são próprios das suas vidas nas relações que estabelecem (HARDING, 1988:15).

Já a terceira característica se relaciona com o situar a investigadora no mesmo plano crítico que o objeto de estudo. Isso implica em evidenciar as próprias características da/o investigador/a e sua relação com o objeto de estudo em um processo de auto reflexividade (HARDING, 1988:16).

Concordamos com essas características nas investigações e buscamos nos aproximar neste estudo, por reconhecer a necessidade dessas evidências, na

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



projeção do novo cenário que as ciências, em particular as ciências sociais, constroem no mundo da produção de conhecimento sob o viés da crítica feminista.

Os conhecimentos que discutimos partem das experiências de lutas protagonizadas pelo Movimento Feminista. São conhecimentos reivindicativos que buscam dar visibilidade a este grupo como produtor de conhecimento, tentando contribuir na luta pela pluralidade epistemológica do mundo. Evidenciando que neste caminho, o protagonismo das mulheres é propulsor dessa discussão e construtor de um mundo mais justo cognitivamente.

Legados de Luta e Transformação

A história de luta e resistência da mulher no contexto do mundo reporta ao processo de organização na conquista de direitos. Nestes espaços forjam-se posturas insubmissas que desafiam a ordem vigente e anuncia a possibilidade de um novo mundo, baseado em um projeto de sociedade feminista emancipatório.

Embora os moldes do Movimento Feminista sejam os mais plurais, no que se refere às estratégias de luta, o objetivo comum de formação política crítica da mulher é construído conforme suas realidades e intervenções. Neste sentido, o Movimento Feminista como movimento social e como pensamento é responsável pela formação de mulheres que encontram nesses espaços possibilidades de emancipação e construção de conhecimentos que libertam e transformam.

No Brasil, essa realidade se faz crescente pela ascendência do Movimento Feminista atrelado ao contexto do país, como a demanda pela redemocratização em meados da década de 1980 e a criação de ONGs feministas já na década de 1990. O interessante em analisar neste processo de formação política de mulheres no Brasil, é a criação em centros universitários de revistas e núcleos que se destinam a lançar produções nos então estudos de mulheres e/ou gênero.

Aproximamo-nos da realidade de dois grandes campos no Brasil de produção de conhecimentos na área, para compreender esta realidade atrelada a discussão teórica que postulamos no intuito de visualizar de maneira nítida algumas das discussões postas. Aproximamo-nos das análises feitas de uma década de Revista

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Estudos Feministas e do GT 23 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.⁵

No início da década de 1990 a Revista Estudos Feministas (REF) surge no estado do Rio de Janeiro, atrelado a Pontifca Universidade Católica como primeiro núcleo universitário especializado em estudos de mulher. “O objetivo da REF era ser um instrumento educativo e político de difusão das pesquisas acadêmicas em gênero e feminismo, com a pretensão de ser também um veículo de formação para os movimentos de mulheres” (DINIZ e FOLTRAN, 2004, p. 245).

Com duas décadas de Revista Estudos Feministas os acúmulos de produções e de discussões próprias do universo de luta das mulheres expressam uma vasta conquista de espaço protagonizada pelas Feministas. São construídos em anos de publicações conhecimentos emancipatórios que nutrem e viabilizam o empoderamento de mulheres que se propõe a desconstruir relações de dominação.

Diniz e Foltran (2004) analisando dez anos da REF (de 1992 a 2002) fornece um retrato desta década e um perfil das publicações e autoras/es. Considera que dentre os temas mais pesquisados estão “saúde, reprodução e sexualidade (25%); etnia (20%); gênero (15%); feminismo (15%) e política (10%). Os outros dossiês versaram sobre classe social, educação e meio ambiente, cada um com 5% do total” (DINIZ e FOLTRAN, 2004, p. 250). Outra constatação importante na análise feita pelas autoras é que 95% das produções são elaboradas por mulheres individualmente e que os poucos homens que produzem são em maioria estrangeiros.

As produções da revista são em maioria realizadas por pessoas vinculadas a Universidade e apenas 3% são produzidas no âmbito de organizações não governamentais. Este retrato nos aponta também como geograficamente no Brasil

⁵ A escolha pela REF e o GT23 da Anped, se deu por ambas corresponderem a um retrato das duas últimas décadas de locais de produção de conhecimento legitimados como tal, sendo estes espaços importantes veículos de socialização dos saberes feminista. Não trouxemos, por exemplo, a discussão a partir dos cadernos Pagu, outro importante veículo de produção e socialização dos conhecimentos feministas, pelos cadernos não se diferenciar muito nos nossos pontos de análise da REF, ambas partilham de estruturas semelhantes quanto aos elementos evidenciados nesta discussão. Elegemos assim refletir a partir da REF considerando a análise feita pelas autoras Diniz e Foltran, considerando a análise de dez anos da revista tomando como recorte grande parte da década de 1990. O GT 23 da Anped soma a esta discussão por ser mais recente e retratar importantes discussões na área para o campo da educação e os temas como gênero, feminismo e sexualidade.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



há essa divisão das produções por região. O estudo de Diniz e Foltran (2004) revela que nesta década de análise da REF 44% das produções são provenientes do Sudeste do país, seguida de 9% do Sul, o Centro-oeste e Nordeste ficam cada com 2% apenas da produção. Vale ressaltar que nesta análise do Centro-Oeste e Nordeste os locais que produzem são exclusivamente o Distrito Federal, na região Centro-Oeste e a Bahia na Região Nordeste, sendo os outros estados inexistentes nas publicações. Não se menciona publicações na região Norte.

Da mesma forma, no campo da pesquisa em educação, foi elaborado por Ribeiro e Xavier Filha (2013) uma análise da primeira década de produção do GT 23 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação- Anped. O GT 23 foi criado em 2003 com a pressão de pesquisadores da área de Gênero, Sexualidade e Educação para que se tivesse nos espaços de produção de conhecimento lugar propício a produção e socialização das pesquisas. Os temas em sua maioria versam sobre heteronormatividade no contexto escolar, gênero e sexualidade nos níveis de ensino na escola e violências sexuais na escola. A maioria discutem essas questões atreladas à educação formal e as influências teóricas em geral advêm das contribuições de autoras pós-estruturalistas.

Quanto à distribuição das produções regionalmente no Brasil, durante a década em análise foi constatado que os primeiros cinco anos de vida do GT foram produzidos 54 trabalhos no Sudeste, 26 no Sul, 5 no Nordeste, 1 no Centro-Oeste e 0 no Norte do país. Já nos últimos cinco anos da década, de 2008 a 2013, o Sudeste continua com a maioria das publicações, apresentando 36 trabalhos, o Sul com 33, o Centro-Oeste com 6, o Nordeste com 4 e o Norte com 3.

Estes espaços são sem dúvida lugares de conquista e protagonismo das mulheres no Brasil, os esforços para mudar a dinâmica da produção de conhecimento e conseguir mecanismos de formação política e ideológica resultam em um campo de fortes aprendizagens e construção de territórios epistemológicos que esteja a serviço da desconstrução de relações sexistas.

Embora os avanços tenham sido largos, quanto à conquista de espaços que dialoguem diretamente com a produção de conhecimento e as questões relativas à luta das mulheres, este retrato também indica muitos caminhos a serem ocupados.

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



A distribuição geográfica da produção de conhecimento revela uma condição preocupante, sobretudo por que implica em uma relação de colonialidade do saber internamente no país.

A predominância de produções no âmbito das universidades também resguarda uma soberania que a princípio chamamos de crítica interna da ciência, aquela que é elaborada para criticar as características androcêntricas da ciência, mas que a utiliza para manter-se com um discurso revestido de verdade. Tanto na REF quando no GT 23 da Anped abordam em pouca quantidade, com relação aos outros temas citados, as questões relativas à epistemologia feminista e a crítica à ciência nos indicando um campo fértil de discussões e problematizações.

As contribuições neste campo em específico para a formação política das mulheres se situam no plano das conquistas de espaços que pensem a formação e a atuação política-ideológica na transformação dos esquemas de opressão da sociedade. Reafirmam as mulheres como protagonistas e produtoras de conhecimentos emancipatórios capazes de viverem e produzirem saberes que se propõe a serviço da igualdade nas condições e relações entre homens e mulheres.

Conclusão

Iniciamos este estudo nos propondo a refletir sobre epistemologias que mulheres vêm construindo dentro das suas lutas políticas no Movimento Feminista. A princípio discorreremos sobre os embates no campo do conhecimento e como as Feministas lançam a primeira crítica internamente, e como há outros movimentos que lançam a crítica de modo externo. Consideramos também como as feministas externamente também se apropriam dessa discussão ainda que de maneira inicial e criticam cânones de produção científicas, inclusive feministas. Apontamos o que estamos chamando de epistemologia feminista, sobretudo a partir de Harding (1988) e quais as principais contribuições neste campo para designarmos o diferencial de epistemologia feminista e da pesquisa com mulheres.

Quanto à formação política das mulheres, os espaços cuja função se destina a ampliação das discussões sobre as condições de vida das mulheres e a luta por

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



justiça social consideramos espaços institucionais de produção de conhecimento e seus retratos no que se refere à geopolítica do conhecimento no Brasil. Esta distribuição desigual entre as regiões no país aponta uma realidade marcada pela dominação do saber que se reproduz segundo as regiões mais afetadas economicamente.

Outro apontamento que sentimos se refere à necessidade de discussões que estejam atreladas aos movimentos feministas populares e a discussão de saberes cuja matriz epistêmica seja diferente daquelas produzidas socialmente como soberanas, os saberes científicos. No entanto esta realidade se deu pelo fato de originariamente o Movimento Feminista ter sido iniciado por mulheres brancas de classe média com acesso as estruturas formais de ensino e socialmente privilegiadas.

Encerramos este estudo considerando a relevância de maiores aproximações com as discussões aqui apontadas e a necessidade de aprofundamentos para a compreensão de situações ainda não exploradas, como a distribuição geográfica das produções no Brasil e a necessidade de investigações que atentem para a identificação de conhecimentos populares, tradicionais e tão quanto os outros, emancipatórios. Estudos que contemplem a produção de conhecimento construída por grupos de mulheres feministas e populares, possivelmente contribuirá na discussão.

REFERÊNCIA

BERGER, P. L; LUCMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 29.ed.; tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 2008.

COSTA, C.L. **O tráfico do gênero**. Cadernos Pagu (11) pp. 127-140. 1998.

CYPRIANO, B. **Construções do Pensamento Feminista Latino-Americano**. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013

DESLAURIERS, J.P; KÉRISIT, M. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: DESLAURIERS, J.P. *et. all*. **A pesquisa Qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



DINIZ, D.; FOLTRAN, P. **Gênero e Feminismo no Brasil: Uma Análise da Revista Estudos Feministas**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 12(N.E.): 264, setembro-dezembro/2004.

ESCOBAR, A. Actores, redes e novos produtores de conhecimento: os movimentos sociais e a transição paradigmática. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org) (2003). **Conhecimento prudente para uma vida decente: “Um discurso sobre as ciências” revisitado**. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

GERGEN, M.M. Rumo a uma Metateoria e Metodologia Feministas nas Ciências Sociais. In: GERGEN, M.M. **O Pensamento Feminista e a Estrutura do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos Edunb, 1993.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Editora Atlas. São Paulo, 2008.

HARDING, S. **Existe un método feminista?** PDF de Harding, Sandra. Feminismo e Metodologia. Bauru- SP, EDUSC. 1988.

LAGE, A. C.. **Lutas por inclusão nas Margens do Atlântico: um estudo comparado entre as experiências do Movimento dos Sem Terra/Brasil e da Associação In Loco/Portugal**. Volume I- Dissertação de Doutorado. Orientador: Boaventura de Souza Santos. Universidade de Coimbra, Coimbra, 2005.

MATOS, M. **Movimento E Teoria Feminista: É Possível Reconstruir A Teoria Feminista A Partir Do Sul Global?** Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 67-92, jun. 2010

MENESES, M. P; SANTOS, B.S. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

MIGNOLO, W.D. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org) (2003). **Conhecimento prudente para uma vida decente: “Um discurso sobre as ciências” revisitado**. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *Em livro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgar Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005.

RIBEIRO, C.M; XAVIER FILHA, C. **Trajetórias Teórico-Metodológicas Em 10 Anos De Produção Do GT 23**. 2003. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/grupos-de-trabalho-comite-cientifico/grupos-de-trabalho/grupos-de-trabalho/gt23>> Acesso em: 09/07/2014.

SANTOS, B.S.; NUNES, João Arriscado e MENESES, Paula. Introdução: para ampliar o cânone da ciência. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org). **Semear outras soluções: Os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Porto: Afrontamento, 2005.